

Clássicos Juvenis TRÊS POR TRÊS

TRÊS FANTASIAS



Clássicos Juvenis TRÊS POR TRÊS



TRÊS FANTASIAS

DOM QUIXOTE  
Miguel de Cervantes

ALICE NO PAÍS  
DAS MARAVILHAS  
Lewis Carroll

ÁGUAS CLARAS  
Isabel Vieira

**COORDENAÇÃO** MARCIA KUPSTAS

**ILUSTRAÇÕES** FABIO P. CORAZZA

1ª edição

 **Atual**  
Editora

**Coleção Três por Três**

**Gerente editorial**

Rogério Gastaldo

**Editora-assistente**

Andreia Pereira

**Revisão**

Cássia Land / Todotipo Editorial

**Pesquisa iconográfica**

Cristina Akisino (coord.)

**Gerente de arte**

Nair de Medeiros Barbosa

**Assistente de produção**

Grace Alves

**Diagramação**

Alicia Sci / Todotipo Editorial

**Coordenação eletrônica**

Silvia Regina E. Almeida

**Colaboradores**

**Projeto gráfico**

Aeroestúdio

**Capa e ilustrações**

Fabio P. Corazza

**Coordenação**

Marcia Kupstas

**Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar**

Silvia Oberg

**Preparação de textos**

Silvia Oberg / Cristina Yamazaki

**Impressão e acabamento**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Três fantasias / ilustrações Fabio P. Corazza. – 1. ed. – São Paulo : Atual, 2010. – (Coleção Três por Três : clássicos juvenis / coordenação Marcia Kupstas)

Conteúdo: Dom Quixote / Miguel de Cervantes – Alice no País das Maravilhas / Lewis Carroll – Águas Claras / Isabel Vieira.

ISBN 978-85-357-1370-1

I. Literatura infantojuvenil I. Cervantes Saavedra, Miguel de, 1547-1616.  
II. Carroll, Lewis, 1832-1898. III. Vieira, Isabel. IV. Kupstas, Marcia. V. Série.

10-09712

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

11ª tiragem, 2019

*Direitos reservados à*

Copyright © Isabel Vieira, 2010

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

www.coletivoleitor.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810498

CAE: 576069

## SUMÁRIO

### Prefácio

Três fantasias super-realistas 7

### DOM QUIXOTE 11

Miguel de Cervantes 12

#### Primeira Parte

1. Nasce Dom Quixote de la Mancha 13
2. A estalagem se transforma em castelo 15
3. Dom Quixote é armado cavaleiro 17
4. Desastrados passos do nobre fidalgo 19
5. De como a biblioteca desaparece 22
6. O fiel escudeiro e os moinhos de vento 25
7. Os frades e a libertação da princesa 27
8. Uma luta desigual 29
9. Dois exércitos de ovelhas 32
10. O Cavaleiro da Triste Figura 34
11. Liberdade paga com ingratidão 37
12. Armadilhas para levar o fidalgo de volta 39
13. Dom Quixote retorna à sua aldeia 42

#### Segunda Parte

1. Em busca da doce Dulcineia del Toboso 44
2. Dom Quixote vence o Cavaleiro do Bosque 46
3. O surpreendente encontro com os leões 49





4. Sobre a famosa aventura do barco 51
5. O duque e a duquesa inventam uma farsa 53
6. A fórmula mágica do sábio Merlin 56
7. Viajando num cavalo de pau 58
8. Sancho Pança governa sua ilha 61
9. Na estrada outra vez 64
10. O Cavaleiro da Branca Lua 65
11. A vida de Dom Quixote chega ao fim 67

## **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS 71**

Lewis Carroll 72

1. Na toca do Coelho 73
2. Um lago de lágrimas 76
3. A casa do Coelho Branco 80
4. Conselhos da Lagarta 83
5. Porco e Pimenta 86
6. Um chá muito doido 90
7. O estranho jogo da Rainha 93
8. O Grifo e a Tartaruga 97
9. A Escola do Mar 100
10. Quem roubou as tortas? 104
11. O testemunho de Alice 108

## **ÁGUAS CLARAS 113**

Isabel Vieira 114

1. Uma viagem de sonho 115
2. Porta de entrada do Araguaia 118
3. Em busca das águas claras 121
4. A bordo de uma garrafa 124
5. Náufragas pelo avesso 126
6. De olhos fechados 130
7. O cardume 133
8. Mar interior 135
9. Bancos de areia 139
10. De olhos abertos 142
11. Imaginar para viver 146



## TRÊS FANTASIAS SUPER-REALISTAS

Três autores, três épocas, três lugares... e um tema central, reunindo três narrativas. Quantas semelhanças pode haver entre essas histórias, quantas são suas particularidades...

A literatura apresentou mundos fantásticos ou maravilhosos desde os primeiros tempos em que o homem começou a contar histórias. Animais falantes, monstros terríveis, paraísos ou infernos fazem parte do nosso imaginário. Mas existem histórias fantasiosas que têm um elemento a mais: um contraponto, digamos assim, uma visão crítica e realista que nos incomoda com a ideia de que alguma coisa não é bem como parece...

*Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll e *Águas claras*, de Isabel Vieira, apresentam esse elemento incômodo, super-real. Não as nomeamos de surrealistas porque muitos críticos reservam o termo para o movimento artístico e literário do Surrealismo, que surgiu nos anos 1920, na França, com André Breton, René Magritte e outros. Seria “forçar a barra” sugerir que Cervantes tinha intenções surrealistas ao registrar as bizarras aventuras de seu Cavaleiro da Triste Figura em 1605, mas sem dúvida há muito de estranhamento no espaço por onde andava Dom Quixote. Assim como a toca do Coelho de Alice também distorce e contorce a realidade como num quadro de Salvador Dalí, mesmo que Lewis Carroll tenha escrito seu livro uns sessenta anos antes de os surrealistas criarem seu movimento estético. Essa sensação se acentua na escolha de Isabel Vieira ao adaptar os clássicos sem infantilizá-los, além de elaborar um texto próprio que também não faz concessões. *Três fantasias* não é um livro para crianças nem para um leitor pouco experiente; oferece,

sim, um excelente suporte de conhecimento da obra de Cervantes e de Lewis Carroll.

As personagens Dom Quixote, Alice e Luiza, respectivamente de *Dom Quixote*, *Alice no País das Maravilhas* e *Águas claras* adentram um universo que extrapola a realidade; há o mundo fantasioso e bizarro, mas há também a vontade de contrapor alguma lógica a esse tipo de universo: Alice procura justificar as ações de seus peculiares parceiros de sonho; Dom Quixote vê gigantes nos moinhos de vento e princesas em pobres taberneiras por causa de sua demência; a menina Luiza consola sua prima Rosa Flor com histórias fantásticas porque sua realidade é cruel demais e sem o sonho elas sucumbiriam.

É o sonho que nos fascina em Dom Quixote? Suas ilusões? O mundo de Cervantes seguia a passos rápidos para o mercantilismo e não havia mais espaço para a moral medieval da cavalaria. Um homem velho e imaginativo como o tal Quixote seria motivo de piada ou quando muito de piedade para seus contemporâneos. Mas há muito de sublime e de poético em sua peregrinação louca e no modo como ele convence o camponês Sancho Pança a acompanhá-lo. Com isso, a trajetória do herói transcende a Espanha do início do século XVII para imortalizar duas formas de encarar a vida: perseguir sonhos (mesmo loucos) ou acomodar-se na rotina sem imaginação...

Quem conhece *Alice no País das Maravilhas* apenas por versões infantilizadas e amenas do enredo se surpreenderá com cenas quase sempre suprimidas em outras adaptações, como aquela em que o Coelho Branco e seus amigos planejam atear fogo à casa onde uma Alice gigantesca está entalada, ou o episódio da visita à Duquesa, que embala um nenê-porco e o espanca. Se a menina em certos momentos desconfia que vive um sonho, não se conforma passivamente com o onírico. Questiona, critica, busca lógica na irrealidade e torna tudo muito, muito mais interessante.

E para completar o triângulo de *Três fantasias* há ainda *Águas claras*. Nitidamente inspirado em *Alice* (além de em *A pequena princesa*, da escritora inglesa Frances H. Burnett), o enredo parte de elementos bastante reais e plausíveis para adentrar o fantástico: pai, mãe, filha e sobrinha viajam de carro pelo Araguaia, em Goiás, região que seu Jaime conhecera há vinte anos. A viagem é monótona e as meninas contam histórias uma à outra. De repente e “magicamente” Rosa Flor e Luiza se veem minúsculas, aprisionadas dentro de uma garrafa, à deriva pelo rio. Rosa está com a perna presa na rolha da garrafa, e Luiza tenta animá-la enquanto são ajudadas por um cardume de botos cor-de-rosa e esperam pelo resgate.

Resgate, sim. O leitor logo antecipa que há algo estranho que detona essa “viagem mágica”. Mas se ele pressupõe algo como “de repente Luiza

e Rosa acordaram” ou “o carro bateu, mas todo mundo ficou bem”, vai se frustrar em suas expectativas. A grandeza do texto de Isabel Vieira é exatamente inibir essas soluções mais fáceis e apostar na imaginação como fonte salvadora.

Será isso verdade? A fantasia pode nos salvar? Como disse o escritor norte-americano Stephen King, um fecundo contador de histórias: “fico encabulado e soa pomposo, mas continuo vendo as histórias como uma coisa importante, algo que não só realça as vidas, mas na verdade as salva. Nem estou falando metaforicamente. O que é bem escrito, as boas histórias, são o precursor da imaginação, e, creio eu, a finalidade da imaginação é nos proporcionar consolo e proteção em situações e passagens da vida que, de outro modo, seriam insuportáveis”.

*Três fantasias* concretiza essa afirmação: é o registro brilhante de momentos da força criativa de autores dos séculos XVII, XIX e XXI.

Afinal, a proposta inovadora da coleção **Três por Três** consiste na adaptação modernizada de textos antigos, de autores significativos da literatura universal, que dialogam com uma história de escritor brasileiro, também autor das adaptações. E tem como desafio maior seduzir o jovem leitor para que conheça o que já foi feito em outras épocas, sobre temas que, mesmo em nossos dias, continuam relevantes e desafiadores.

Boa leitura!

*Marcia Kupstas*



# DOM QUIXOTE

## Miguel de Cervantes

Adaptação de Isabel Vieira



## **MIGUEL DE CERVANTES.**

*Espanhol, Miguel de Cervantes Saavedra nasceu em Alcalá de Henares, em 1547 e faleceu em Madri, em 1616. Filho de Rodrigo Cervantes, um modesto cirurgião-barbeiro, teve vida aventurosa e desregrada até a maturidade. Aos 22 anos, após um duelo, fugiu para a Itália. Logo em seguida entrou no Exército; em 1571 perdeu a mão na Batalha de Lepanto. Quatro anos depois foi feito prisioneiro pelos corsários otomanos, permanecendo confinado em Argel até 1580, quando pagaram seu resgate.*

*Retornou à Espanha e se casou em 1584 com Catalina de Salazar. O casal foi morar com familiares da esposa no povoado de la Mancha. Até essa data publicou poemas dispersos e a partir de 1585 dedicou-se ao teatro. É desse ano também a publicação de A Galateia, seu primeiro livro de ficção. O livro o tornou conhecido por um seletor público intelectual, mas a popularidade veio mesmo em 1605, com a publicação de sua obra-prima O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha, que teve uma continuação dez anos depois.*

*Entre as duas partes de Dom Quixote, Cervantes se revelou um escritor dedicado: publicou Novelas exemplares (1613), Viagem de Parnaso (1614), Oito comédias e oito entremeses (1615), além de textos de viagem. Mas o público ansiava por mais aventuras do Cavaleiro da Triste Figura.*

*Em 1614 apareceu uma falsa continuação escrita por Alonso Fernández de Avellaneda, o que levou Cervantes a publicar O engenhoso cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, que, se é um tanto redundante quanto ao enredo, permite avaliar a reação do público.*

*Neste volume de **Três por Três** foi adaptado o romance inteiro, inclusive com o jocoso comentário do próprio Cervantes, que põe dois personagens dizendo: “– Vamos ler a segunda parte do livro Dom Quixote de la Mancha? – propôs um dos homens. – Para quê? Quem leu a primeira parte já sabe de tudo – respondeu o outro, com pouco caso”. Esse recurso de metalinguagem é tão moderno como super-real, confundindo ainda mais o que é fantasioso com o que é realista e crítico dos “hábitos” de leitura na época do autor. Miguel de Cervantes foi um literato completo, dedicando-se à poesia (escreveu sonetos extraordinariamente elaborados), ao teatro (alguns textos só foram representados e conquistaram o público séculos depois) e à prosa, inaugurando o romance moderno em Dom Quixote, como sugerem alguns críticos. Sua relevância é tanta que o espanhol frequentemente é chamado de “la lengua de Cervantes”.*



## PRIMEIRA PARTE

### 1

## NASCE DOM QUIXOTE DE LA MANCHA

NUMA ALDEIA DA MANCHA, província no centro da Espanha, vivia um fidalgo de costumes tradicionais e porte imponente. Sua propriedade, meio decadente, rendia-lhe o suficiente para aparentar certa abastança. Com ele moravam uma empregada que passava dos quarenta anos, uma sobrinha que ainda não chegara aos vinte e um rapazinho que fazia os serviços gerais do campo.

Dom Quixada, ou Quesada, ou Quixano – ninguém sabia ao certo seu sobrenome –, era um homem magro e alto, beirando os cinquenta anos. Era madrugador e gostava de caçar. Mas ficou conhecido por um outro motivo: adorava ler!

Possuía uma imensa biblioteca, que o fazia deixar de lado as caçadas e a administração da fazenda. Sua paixão pelos livros causava espanto nos moradores da aldeia, que não tinham o hábito da leitura. Dizia-se que ele era tão fanático por histórias que, mais de uma vez, vendera parte das terras para comprar novos livros.

E o que lia o fidalgo? Apenas novelas de cavalaria. Era um gênero literário ultrapassado, que emocionara multidões de leitores um século antes, mas que na época não fazia mais sentido. Romances inspirados na cavalaria, uma instituição da Idade Média, eram todos parecidos. O herói era sempre um cavaleiro gentil, generoso e valente, que corria o mundo em

busca de aventuras e enfrentava dragões, bruxas e gigantes para reparar injustiças. Ele devotava amor ardente a uma mulher linda e cheia de virtudes, a quem adorava de longe e a quem dedicava suas conquistas.

De tanto ler esse tipo de história, o fidalgo começou a perder o juízo. Passava as noites em claro e os dias trancado na biblioteca, vivendo na imaginação as aventuras de seus ídolos. Ele se via na pele das personagens, confundia-se com elas, sentia o mesmo que elas sentiam. Em sua fantasia, era ele quem lutava contra bruxas e feiticeiros, quem sentia a dor dos ferimentos nas batalhas e quem encontrava consolo no amor impossível por uma donzela.

Já fraco da razão, o fidalgo resolveu um dia transformar-se em cavaleiro andante e sair pelo mundo para pôr em prática as peripécias que lera nos livros. Sem esforço, podia ver a si mesmo voltando à sua aldeia depois das lutas, famoso e respeitado por todos, conquistando a glória eterna. Com esses pensamentos agradáveis, começou os preparativos.

Um cavaleiro andante precisava de trajes adequados, armas e montaria. Revirando velhos armários, o fidalgo resgatou uma armadura antiqüíssima, que pertencera a seu bisavô, limpou-a e consertou-a o melhor que conseguiu. Depois fez o mesmo com uma espada mofada e cheia de ferrugem.

E o cavalo? O fidalgo examinou o pangaré usado para os serviços do sítio. Era velho, magro e feio, mas aos seus olhos pareceu mais belo que o famoso Bucéfalo, de Alexandre, o Grande, rei da Macedônia e o mais célebre conquistador do mundo antigo.

Depois de pensar por quatro dias, batizou o pangaré com um nome que considerou digno da nova vida que levariam. Se antes havia sido um simples rocim, agora seria Rocinante, nome sonoro e elevado, condizente com a condição de montaria de Dom Quixote de la Mancha – como o fidalgo denominou a si mesmo. Era costume que os cavaleiros andantes trocassem de identidade ao partir para as aventuras. Ao novo nome acrescentava-se o lugar de origem: no caso, a província da Mancha, onde o fidalgo vivia.

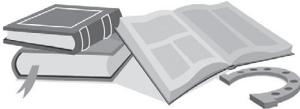
Tudo preparado para partir, faltava apenas apaixonar-se por uma dama à sua altura. Um cavaleiro andante sem amor era como um corpo sem alma, uma árvore sem frutos, diziam os livros.

Se, por azar ou por sorte, Dom Quixote derrotasse um gigante em suas andanças, a quem o mandaria? Os heróis das novelas de cavalaria costumavam enviá-lo à amada, para lhe servir de escravo. Na sua poderosa imaginação, o fidalgo já via “seu” gigante de joelhos diante de “sua” doce senhora, dizendo com voz humilde e submissa:

– Sou o gigante Caraculiambro, senhor da Ilha Malindrânia, vencido em singular batalha pelo celebrado cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, o qual ordenou que me apresentasse diante da senhora para lhe prestar serviços.

Quem poderia ser a dama? Num lugarejo próximo havia uma jovem lavradora de boa aparência, por quem o fidalgo andara apaixonado. Chamava-se Aldonça Lourenço. Como o nome não parecia adequado a uma princesa, rebatizou-a de Dulcineia. E, como ela morava na aldeia de Toboso, completou: Dulcineia del Toboso, um nome tão musical e digno quanto os que escolhera para o cavalo e para si mesmo.

Assim, certa manhã bem cedo, num caloroso mês de julho, montado em Rocinante, vestido com a armadura, levando a espada e uma lança, e com o coração vibrando de amor por Dulcineia del Toboso, Dom Quixote de la Mancha saiu disfarçadamente por uma porta falsa do curral e lançou-se ao mundo.



## 2

### A ESTALAGEM SE TRANSFORMA EM CASTELO

TROTANDO PELAS ESTRADAS POEIRENTAS, o fidalgo sentiu o coração nas nuvens. Pensava nas tarefas que o esperavam e não via a hora de começar. Havia tantas ofensas a desfazer, tantos erros a endireitar, tantas injustiças a corrigir, abusos com que acabar e dívidas a serem cobradas, que sua alma se enchia de alegria.

De repente, assaltou-o um pensamento terrível, que quase o fez desistir: ele não havia sido armado cavaleiro! Pelas rígidas leis da cavalaria, não poderia duelar com outro cavaleiro nem portar armas com insígnias. Dom Quixote ficou paralisado. Deveria voltar? Hesitou um instante, mas decidiu que se faria armar cavaleiro pela primeira pessoa que encontrasse. Lera nos livros que outros cavaleiros agiram assim. Continuou a jornada, perdido em pensamentos de glórias futuras.

Ao anoitecer, cavaleiro e cavalo estavam exaustos e famintos. Dom Quixote olhou ao redor, procurando um castelo onde ele e Rocinante pudessem receber alimentação e abrigo. Avistou uma estalagem simples de beira de estrada, com uma luzinha na porta. Cavalgou para lá como se a luz fosse uma estrela e a alcançou antes de escurecer.